

## RECENSÃO

### **O império do capitalismo**

Bernardo Futscher Pereira

Diplomata

#### **Thomas L. Friedman, Compreender a Globalização. O Lexus e a Oliveira**

Lisboa: Quetzal, 2000, 508 p.

#### **Anthony Giddens, O Mundo na Era da Globalização**

Lisboa: Editorial Presença, 2000, 92 p.

Thomas Friedman, colunista de assuntos internacionais do New York Times, autor do «best-seller» De Beirute a Jerusalém, surge em *Compreender a globalização*, originalmente publicado em 1998 nos eua sob o título *The Lexus and the Olive Tree*, como um apóstolo da globalização. No estilo vívido a que nos habituou, com uma capacidade notável para encapsular conceitos, e uma profusão de vinhetas, Friedman argumenta que a globalização é o factor estruturante da nova ordem internacional e apresenta-a como um ciclo virtuoso, em que o mercado anda de mãos dadas com a democracia para promover a prosperidade de todos aqueles que puserem «o colete de forças dourado».

O argumento de Friedman pode resumir-se da seguinte maneira: a queda do Muro de Berlim abriu caminho ao triunfo absoluto, em termos ideológicos, da democracia liberal e da economia de mercado. Este facto potenciou e acelerou três processos já em curso nos anos 80: a democratização da finança – todos temos acesso ao mercado de capitais; a democratização da informação – vemos todos a cnn; e a democratização da tecnologia – podemos facilmente chegar a qualquer lado graças à Internet.

Criou-se assim um Supermercado global, alimentado pela informação, oleado pelas comunicações electrónicas, composto por milhões de indivíduos e empresas e governado pelo risco. O Supermercado exerce uma tirania impiedosa, mas, em última análise, virtuosa sobre as economias nacionais, as quais se encontram basicamente à mercê «do rebanho electrónico» que, todos os dias, de todas as partes do mundo, armado de computadores e de ratos, movimenta a seu bel-prazer biliões e biliões de dólares, punindo e recompensando, quase sempre em excesso, o sucesso e o insucesso de cada país em se adaptar ao «colete de forças dourado» – medida única – imposto pelo capitalismo global. Friedman captura a velocidade a que se tem desenvolvido a globalização na última década e os seus efeitos concretos na vida das pessoas, com exemplos colhidos nos quatro cantos do mundo. Friedman percebe-a essencialmente como oportunidade, embora também reconheça os riscos e as tensões que provoca.

O livro é um hino ao capitalismo: um capitalismo movido pelos «ciclos de destruição criativa» de Schumpeter, impelidos pelo progresso da tecnologia e cada vez mais

acelerados; um capitalismo exigente, duro e implacável, tingido pelos valores do puritanismo americano, que abre as portas da oportunidade, mas apenas a quem a saiba merecer; um capitalismo poderosamente constrangedor no plano social e potencialmente libertador no plano individual.

Friedman capta a dinâmica e a epopeia humana do progresso, mas não esconde o seu lado avassalador e por vezes arrasador. Não ignora o crescimento da desigualdade, entre países e no seio de cada país, as deslocções sociais, o avanço da corrupção e os riscos para o ambiente derivados do frenesim capitalista. Todavia, em última análise, argumenta que as mudanças às vezes convulsivas impostas pela dinâmica capitalista acabam por promover a democracia e o Estado de direito. Cita, em abono da sua tese, os resultados da crise asiática de 1997, que, apesar do contra exemplo da Malásia, parecem ter favorecido a democracia no Sudeste Asiático: queda de Suharto na Indonésia, eleição de Kim Dae Jung na Coreia do Sul, consolidação da democracia na Tailândia. Poderia também referir-se que as crises financeiras que abalaram a América Latina na década de 90 não puseram em causa a transição democrática nem no México nem no Brasil.

Para tomarem partido das oportunidades oferecidas pela economia global, os Estados têm que dispor do «software» apropriado: uma administração pública eficaz e não corrupta; um enquadramento legal transparente e funcional; uma população suficientemente educada para aproveitar as oportunidades da economia do conhecimento. A competição pelo bem-estar económico gera uma tendência para a emulação. O desejo e a necessidade de participarem na economia global estimula os Estados a adoptarem as práticas bem sucedidas da democracia e do Estado de direito.

Friedman insere-se assim numa escola de pensamento americana, cujo expoente maior é, porventura, Francis Fukuyama, que associa num círculo virtuoso paz, democracia e capitalismo.

Anthony Giddens, teórico da «Terceira Via», não rejeita esta tese mas também não a subscreve inteiramente. Em *Runaway World* (O Mundo na Era da Globalização), originalmente publicado em 1999, Giddens tende a dividir em partes iguais os riscos e as oportunidades da globalização. Num estilo mais sóbrio e erudito, oferece-nos uma série de pequenos ensaios, originalmente apresentados na bbc sob a forma de conferências, que procuram discutir e captar os variados sentidos da globalização, no planos do risco, da tradição, da família e da democracia.

Tal como Friedman, Giddens parte do princípio que a globalização é inelutável e que uma das suas principais características é a velocidade que imprime às mudanças económicas e sociais. Tal como Friedman, argumenta que existe uma tensão central entre a força integradora global e a busca da identidade local.

Ao contrário de Friedman, que não põe em causa o papel do Estado-nação, Giddens entende que a globalização, ao reduzir a capacidade de intervenção económica do Estado, o sujeita a duas pressões contraditórias: desagregadora no plano interno e agregadora no plano externo. O primeiro efeito leva às autonomias, em particular na Europa. O segundo à busca de espaços regionais, de que são exemplos a União Europeia, o Asean ou o Mercosur.

Giddens interroga-se também sobre a democracia. Embora reconheça o avanço global da democracia, considera que, nos países mais desenvolvidos existe uma crise da democracia representativa, que só pode ser resolvida mediante a «democratização da

democracia», chamando os cidadãos a intervirem de forma mais directa na vida pública, por exemplo através do uso mais frequente do referendo.

No espectro político dos eua, Friedman está próximo de Clinton – é um liberal com consciência social, internacionalista e defensor do papel do Estado. Anthony Giddens, fonte de inspiração para Tony Blair, procura um caminho de evolução para o modelo social-democrático europeu no mar turbulento do capitalismo global. Os dois autores convergem em pontos importantes: no diagnóstico da situação, no alerta para os riscos ecológicos da globalização, na sua convicção de que a verdadeira solução consiste na democracia. No entanto, da leitura destes livros, o que ressalta é a diferença de atitudes entre os liberais de esquerda americanos e os sociais-democratas europeus. Friedman, animado de um espírito pioneiro e optimista, que roça às vezes o triunfalismo, apresenta soluções. Giddens, mais elaborado, cauteloso e ambivalente, formula interrogações.